

# 1

Edição  
2019.2

# JORNAL DA FACOM

Jornal Laboratório  
da Faculdade  
de Comunicação  
da UFBA



Foto: Walter Mauro/Latfoto

Páginas 14 e 15

## Obra atrasada é 'bola fora' em Itapuã

### Página 03

Locadora de filme no Apipema  
desafia catálogo da Netflix

### Página 04

Na Pituba, multiplicação de  
farmácias não é só meme

### Páginas 05 a 07

Comerciantes têm prejuízos 5  
anos após entrega da Nova Barra



# EDITORIAL

**C**osme de Farias, Alto de Coutos, Jardim Apipema, Centro. De um canto a outro de Salvador, alcançando até a região metropolitana, esta edição especial do Jornal da Facom traz os questionamentos de quem anda com olhar atento pela cidade. Por que a Pituba precisa de tantas farmácias? O que faz o Garcia engarrafar tanto? Quais os atrativos da Biblioteca Thales de Azevedo? O que rola no Cine Teatro Lauro de Freitas? Nossos repórteres mergulharam nas realidades de suas regiões e trazem para os leitores a cultura, as curiosidades e os desafios encontrados nos locais em que vivem. Se tem as iniciativas culturais que precisam ser destacadas, como o Subúrbio 360°, não faltam situações para denunciar, a exemplo do fechamento do Centro Esportivo Cultural Armindo Avelino de Santana, em Itapuá. Ao misturar jornalismo e pertencimento, esta edição do Jornal da Facom o convida a explorar os bairros da cidade e as histórias de seus moradores pelo olhar dos nossos repórteres. Folheie, descubra as diversidades e ande pelas ruas de Salvador com as nossas reportagens. Boa leitura!

## JORNAL DA FACOM

Novembro 2019

Jornal Laboratório da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia  
Rua Barão de Geremoabo s/n, Campus de Ondina  
CEP 40.170-115 Salvador – Bahia – Brasil

### EXPEDIENTE

Produção da disciplina  
Oficina de Jornalismo Impresso  
Primeira edição, semestre 2019.2

Reitor: João Carlos Salles

Diretora da Facom: Suzana Barbosa

Coordenação Editorial: Alexandre Mota - DRT/BA 4634

Editoras: Eloá Silva, Icaro Lima, Leonardo Lima, Nathália Amorim, Rayssa Machado e Vinícius Nascimento.

Repórteres (turma 2019.2): Adele Robichez, Alisson Oliveira, Ana Generoso, Carlos Magno, Catarina Carvalho, Fabio de Souza, Felipe Aguiar, Gilberto Barbosa, Gleyce

Nascimento, Gustavo Arcoverde, Gustavo Pimentel, Ian Reis, Icaro Lima, Jamile Freitas, Kizzy Lumumba, Krishna Zarah, Leonardo Lima, Léo Oliveira, Luciana Koepfel, Lula Bonfim, Marcelo Costa, Marcio Smith, Maria Clara Andrade, Nathália Amorim, Cesar Oliveira, Raquel Leal, Rayssa Machado, Romario Almeida, Sarah Cardoso, Victor Meneses, Vinícius Nascimento e Yasmin Santos.

Fotógrafos Labfoto: Benedito Cirilo, Bianca Dória, Dan Figliuolo, Eloá Silva, Luisa Calmon, Raquel Franco, Thaís Chaves, Vitor Menezes e Walter Mauro.

Projeto Gráfico: Amanda Lauton Carilho/EDUFBA  
Diagramação: Rayssa Machado

Distribuição gratuita

# Na contracultura do streaming

## Locadora de DVDs resiste há 20 anos em bairro tradicional de Salvador.

Victor Meneses

Espremida entre uma loja de molduras e prédios residenciais, uma pequena locadora do bairro Jardim Apipema desafia a Netflix e afirma possuir um catálogo de filmes superior. Somando mais de oito mil títulos, a Home Vídeo atende cerca de 400 clientes mensais e garante um espaço acolhedor e nostálgico.

Administrada pela empresária Ana Paula Dias, a locadora passou por algumas mudanças nos últimos anos. “Aqui, na verdade, era uma franquía da Vídeo Hobby, a gente só trocou o nome lá da frente e manteve o acervo”. A rede de locadoras soteropolitana faliu, mesmo tentando diversificar o comércio com livrarias e lanchonetes. A sua antiga franquía no Apipema seguiu alguns desses passos e sobreviveu. A “sessão proibida” nos fundos da loja deu lugar a um charmoso café, na frente. Peças de roupa são postas à venda e algumas prateleiras vazias foram preenchidas com discos blu-ray.

Essa última aposta não deu muito certo e a proprietária decidiu se desfazer dos discos, atraindo colecionadores para o local. Ainda restam alguns filmes à venda por R\$ 9,90 e Ana Paula espera vender todos.

Netflix, Amazon Prime, HBO Max, Disney Plus... A guerra do streaming só cresce e no meio desse fogo cruzado está o consumidor. Séries como Game of Thrones (HBO) elevaram os custos de produção a valores estratosféricos (mais de US\$ 650 milhões) o

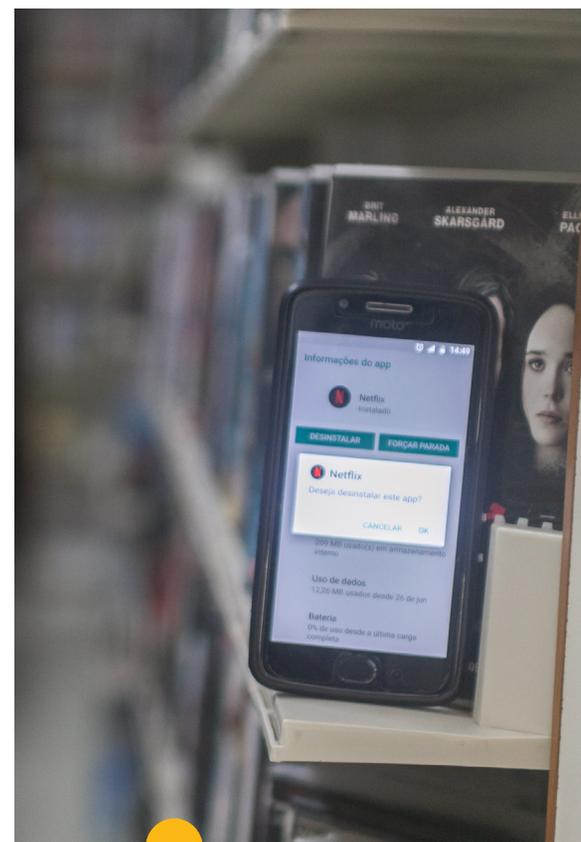
que reflete no bolso dos assinantes. Os serviços que se demonstraram uma pedra no sapato das locadoras e TVs por assinatura encareceram e cresceram, perdendo parte do seu atrativo, é o que acha o gerente da loja, Julival Sampaio.

“O que está mais acessível hoje é a Netflix por R\$ 19,90, ela veio para o Brasil com apenas 30% do seu acervo dos Estados Unidos e é fraquíssima no quesito filme, muito boa nas séries, mas nem todo mundo gosta, porque série nada mais é do que uma novela americana. O público brasileiro que não gosta de novela não vai gostar de série também”, opina Julival.

### Diversificação do negócio

Quando questionado sobre o segredo do sucesso da locadora, o gerente afirma ser devido a administração da proprietária. “Todas as outras locadoras tinham os mesmos filmes porque as distribuidoras eram poucas, até o sistema operacional era o mesmo. A diferença foi a administração. Estamos abrindo uma cafeteria aqui como forma de agregar valor ao nosso negócio, que já está um pouco combatido, somando receita e diversificando os meios de ganho. Algumas locadoras viraram livrarias, muitas se transformaram em lan houses ou locam games, mas não foi o nosso caso. Nós seguimos fortes no propósito dos filmes”. A administração, somada ao bom atendimento, atraem um público fiel e emocionalmente ligados à locadora.

Fotos: Benedito Cirilo/Labfoto



Locadora desafia clientes a desinstalar app da Netflix

Uma de suas clientes mais antigas e fiéis é Yone Sena (62), que frequenta o local desde a fundação, há 25 anos. “O maior atrativo são os filmes novos. A Netflix, no que se refere a filmes, é fraca, na locadora eu tenho filmes novos e clássicos. Reservei na Netflix dois filmes antigos e quando fui assistir tinham sumido da minha lista, na locadora isso não acontece. É também pela companhia, poder comentar os filmes com alguém. Sou uma rata de locadora!”, comenta Yone.

# 8 mil títulos tem o catálogo da Home Vídeo

Proprietária e gerente relembram os bons tempos das locadoras quando viviam cheias, mas afirmam: “não é um negócio morto”. Eles ainda conseguem uma

rentabilidade expressiva e lutam contra as poderosas empresas de streaming e televisão. Atendendo um público heterogêneo, a Home Vídeo oferta 15 novos títulos mensais, entre clássicos e lançamentos. Localizada na Rua Prof. Sabino Silva e aberta das 9h às 21h, de segunda a sábado, e das 12h às 21h aos domingos, a locadora constrói um refúgio para os amantes mais saudosistas da sétima arte.

### O fim chega para todos

A Netflix não é a grande vilã para todos. Roberto Harfush era dono da Casa de Cinema, uma pequena locadora no Rio Vermelho. Apaixonado por cinema, montou um catálogo criterioso com mais de 1.800 títulos, entre clássicos e populares. Mesmo com um público fiel, o negócio perdeu a rentabilidade e fechou em 2012, um ano após a chegada da Netflix no Brasil. Mas, para Roberto, seu maior rival foi a comodidade do download através de servidores como µTorrent. Serviços das operadoras de TV por assinatura e a pirataria digital sangraram as locadoras de bairro bem antes da Netflix.





# O 'boom' das farmácias

## Rápido crescimento impacta a economia da Pituba

Catarina Carvalho e Gustavo Arcoverde

**N**ão é só meme, é real. O aumento de farmácias no bairro da Pituba causa um impacto visual e econômico, além de despertar a curiosidade dos moradores. Esse crescimento cria um grande contraste: afeta as pequenas farmácias mas gera empregos.

O número de farmácias na Pituba aumentou 68% nos últimos dois anos, saltando de 22 em 2017 para 37 neste ano. A Avenida Manoel Dias da Silva concentra 17 dos 37 estabelecimentos farmacêuticos do bairro. Os dados são da Secretaria Municipal de Desenvolvimento e Urbanismo (Sedur).

O rápido crescimento do número de farmácias não é uma exclusividade da Pituba e nem do município. De acordo com a Vice-Presidente do Conselho Regional de Farmácia da Bahia (CRF-BA), Angela Pontes, a ampliação é um fenômeno estadual e gerou impacto significativo na prática de fiscalização das lojas, tarefa do conselho. "O aumento foi tão grande que precisamos abrir um concurso para fiscais de farmácia, tendo em vista que cada fiscal fica responsável por 600 estabelecimentos", conta.

### Pequenas farmácias

A farmacêutica Ana Cristina Mutte adquiriu, em 2009, a Farmácia Reobote, localizada na Manoel Dias da Silva e sentiu um grande impacto com o surgimento exponencial de novas drogarias de rede no bairro. Ela aponta que a chegada de inúmeras farmácias de

grandes redes na Pituba "tem um impacto significativo para as farmácias menores pois divide as vendas".

"O impacto foi muito grande porque essas redes vêm com preços agressivos", completa Ana Cristina. A oferta de medicamentos com preços mais baixos nas redes é possível através de programas de desconto de laboratórios conveniados. "Eles conseguem que remédios de, por exemplo, trezentos reais cheguem a cem através desses programas", relata a dona da Farmácia Reobote.

O negócio familiar de Ana Cristina é pequeno e cada funcionário, em média, acumula mais de duas funções e oferece serviço de aplicação de injeção que, para ela, é um diferencial. "Tudo isso nos ajuda a continuar 'sobrevivendo', porque realmente o impacto é pesado", desabafa.

### Grandes Redes

Uma das redes que chama mais atenção na Pituba por ter um número expressivo de unidades é a Drogasil. A rede chegou ao estado em 2012 e hoje conta com mais de 28 unidades em Salvador. Para Érica Chaves, farmacêutica e gerente de uma Drogasil no bairro, a expansão do número de farmácias é benéfica porque além de oferecer mais possibilidades ao cliente, aumenta a concorrência, diversifica os preços e gera mais emprego. "Buscamos, cada vez mais, 'bater' o preço do concorrente", diz.

Além da venda de medicamentos, as redes de farmácia oferecem outros produtos como cosméticos e alimentos, que são atrativos para os consumidores.

"Não temos um perfil específico de cliente. Por ter uma variedade maior de produtos, as redes acabam atraindo todo tipo de consumidor", afirma Érica.

Os moradores do bairro também perceberam esse impacto. Para a aposentada Flávia Faria, 72, moradora da Pituba há mais de 40 anos, o aumento do número de farmácias é positivo. Ela relata que o costume de comparar os preços em diversas farmácias ajuda na hora de comprar os medicamentos com melhor preço. "As farmácias antigamente eram mais focadas nos remédios. Eu acho que neste ponto está melhor porque aí a gente não precisa comprar cosméticos em outro lugar, faz tudo lá mesmo. Para mim, é prático", afirma Flávia antes de admitir que acha o número de farmácias na Pituba exagerado.

Segundo o aposentado, e também morador da Pituba, Gilberto Cavalcanti, 77, existem dois aspectos a serem considerados: a facilidade com que a população é atendida nas suas necessidades e as razões de uma quantidade tão grande de estabelecimentos farmacêuticos em uma área tão pequena. "Isso efetivamente representa uma necessidade de atender a população ou uma lavagem de dinheiro para esconder as coisas ilegais?", questiona.

O bairro da Pituba tem aproximadamente 65 mil moradores. Ou seja há uma farmácia para cada 1.756 pessoas. O dado ultrapassa em quase quatro vezes a recomendação da Organização Mundial da Saúde (OMS), que sugere a relação de uma farmácia para cada 8 mil habitantes.

**# 68%**  
de aumento no número  
de farmácias na Pituba  
em dois anos

# Mercado Impopular

Após 3 anos da requalificação, feirantes reclamam de estrutura e pouca clientela no Mercado Municipal Dois de Julho

Yasmin dos Santos Batista

Antes da reforma, o Mercado Dois de Julho contava com apenas quatro boxes, enquanto diversos feirantes se amontoavam na rua da Força e no Largo Dois de Julho. Após 3 anos da requalificação, há feirantes que se encontram satisfeitos e outros em situação delicada. Quem permanece no Mercado, que tem portas abertas para a Praça General Inocêncio Galvão, convive com o comércio informal que se manteve ou se expandiu nas ruas adjacentes, principalmente as que ficam mais próximas da movimentada avenida Carlos Gomes.

O número de boxes no Mercado saltou para 10, mas só seis funcionam. “Tem como melhorar, virar as frentes do box para o outro lado [da Rua da Jaqueira da Unhão], talvez melhore”, sugere a vendedora do box Dois Irmãos, Carmem Santos, 72 anos. A opinião dela, que ganha cor entre outros colegas, não é unânime. “O box para esse lado foi melhor porque do outro lado tem comércio e aqui não. O movimento é mais”, argumenta Gerson Cruz, 61, do box 1.

A feirante Carmem e seu irmão Dionísio Batista, 71, ficam no box 8. Após mudarem da rua do Largo para o Mercado, os problemas começaram. “Não melhorou nada. Não tem segurança, piorou o sistema. Tem dia que só ficamos batendo papo”, relata Carmem. “Aqui é rua que não tem prosperidade”, completa. Os irmãos lamentam que quanto mais distante é o box, menos movimento de clientes tem e mais perigoso fica.

Dionísio, que está na profissão com a irmã há mais de 60 anos, afirma que a burocracia com os documentos, “renovação da licença de 6 em 6 meses”, para colocar nome e telefone do fornecedor acabam deixando o lucro ausente. “Pagamos aluguel desde quando chegamos aqui. De 6 em 6 meses para tirar a licença. Estamos com mais anos de trabalho e ficamos

no recuo. Não ficou ninguém aqui, fugiu todo mundo para a rua do Cabeça. No início, até tábuas queriam colocar no box para ficar dois feirantes diferentes vendendo o mesmo produto. Pode isso?”, lembra, indignado, Dionísio.

## Migração

Além da dificuldade com segurança e movimentação de fregueses, a reforma deixou alguns problemas fora do comércio. É o caso de uma feirante que trabalha há muito tempo no Largo e após a reforma mudou junto com outros profissionais para a rua do Cabeça. Nossa equipe tentou entrar em contato, mas ela pediu para não falar porque se encontra doente em virtude dos acontecimentos. Já para seu Jerson Luiz Cruz, 61, a requalificação do Largo melhorou as coisas. Antes ele se encontrava no box 1 do antigo mercado, continuando agora na mesma numeração. “Agora tá bem melhor. Tenho 25 anos de trabalho e o comércio sempre foi bom, o que precisa melhorar aqui é o sistema de emprego para todos”.

Um dos legados que a requalificação deixou foi a divisão entre os feirantes e o abandono do largo para Rua do Cabeça. Foi o que aconteceu com Rosanilda De Santos, com 10 anos trabalhando no Dois de Julho, após a requalificação sentiu a necessidade de mudar.

Com sua barraca conhecida popularmente como “Aipim de São Felipe”, afirma que tentou ir para o Mercado, mas que por conta da divisão dos feirantes e movimentação se encontrou na situação de deixar a barraca no mercado e ir para a Rua do Cabeça. “Aqui precisa melhorar o policiamento, a gente que é mulher fica mais vulnerável. Eu fui para o mercado quando inaugurou, mas se dividiu e vim para rua do Cabeça porque não consegui me manter lá. Aqui a movimentação é melhor”.

# Agitação de dia, medo nas noites

Universitários que moram no Centro temem a volta pra casa

Fábio de Souza

As pessoas que circulam diariamente pelo centro de Salvador enfrentam problemas decorrentes do enorme fluxo de transeuntes, principalmente nos bairros Nazaré e Mouraria, ligados diretamente à duas estações de metrô, Campo da Pólvora e Lapa, com uma circulação diária de aproximadamente 430 mil pessoas. Mas a distopia se revela para quem necessita percorrer essa região durante a noite e acaba por se deparar com uma outra realidade.

O fácil acesso ao transporte público e a existência de escolas de ensino técnico e superior, fizeram dessa região um grande atrativo para estudantes, seja para residir ou frequentar as aulas. O fato é que no retorno para casa, os jovens encontram as ruas e saídas das estações do transporte público desertas, pouco iluminadas e com quase nenhum policiamento. Esses são fatores que, para os moradores, contribuem para o aumento nos índices de criminalidade no Centro de Salvador. Uma das pessoas que pensam assim é o estudante de Arquitetura da Uniruy, Romilton Jesus. Para ele esses elementos fazem com que as pessoas fiquem à mercê dos criminosos. “Saio de casa sem ter certeza se volto”, afirma.

O Centro da cidade não foge da regra de todo o seu entorno e os números da violência na capital baiana são alarmantes. Quem também já sofreu por conta dessa insegurança é a estudante de Engenharia Civil da Unijorge Luciana Graciele, 23 anos, que foi abordada quando voltava da aula. Segundo ela, um rapaz se aproximou e exigiu que entregasse o aparelho celular. “Implorei para que me deixasse e então ele foi embora, felizmente eu estava acompanhada”, relembra.

“Era por volta das 22 horas, estava voltando da aula, chegando em casa, a rua deserta, não sei se estavam me perseguindo, acredito que foi oportunismo, por estar sozinha na rua”, relata a estudante de Engenharia de Produção da Unifacs Nayara Fernanda, 22, que foi vítima de assalto há alguns meses. Foram quatro assaltantes de carro, desceram dois armados e ordenaram que ela entregasse a mochila. Levaram cerca de 90 reais e um celular simples. A universitária revela que ficou muito abalada após o ocorrido. “Foi horrível, tenho trauma até hoje, só por segurarem em meu braço me assusto”, conta. Para Nayara, o fato de ser mulher é um aspecto que aumenta as possibilidades de passar por essas situações, pelo fato de os criminosos às enxergarem como mais vulneráveis.

Para tentar “driblar” essas ações criminosas, ou então não tomar prejuízos financeiros maiores, os estudantes recorrem às táticas simples como pôr os objetos o mais próximo possível do corpo, não levar pertences de muito valor. Romilton conta que sempre esconde seus pertences em meio aos materiais escolares na mochila, mas que dificilmente leva algo de muita importância.



Com a concorrência do comércio do Largo Dois de Julho e das ruas do Cabeça e da Força, clientela não chega ao Mercado.

# A Bahia em alerta vermelho

## Rápida proliferação do sarampo reforça a importância da vacinação

Gleyce Nascimento e Marcelo Costa

O sarampo chegou em Salvador. Contagiosa, a doença pode se espalhar tão rapidamente que em apenas seis dias toda a população baiana estaria contaminada, já que uma única pessoa pode transmitir para outras 18 com quem tenha tido contato - de acordo com o Instituto de Infectologia Emílio Ribas.

No shopping, no trabalho, na sala de cinema, dentro do metrô ou do ônibus, na sala de aula, o vírus vai saltando de pessoa em pessoa, pela respiração, pela fala, tosse ou espirro. Mas não é isso que acontece. Na realidade, o avanço da doença é mais lento por causa das barreiras existentes, principalmente a da imunização. A presença de pessoas vacinadas no caminho do vírus é um obstáculo ao avanço tão rápido da doença.

Especialistas afirmam que se não houvesse barreiras, a doença avançaria em progressão geométrica. Uma pessoa contaminada é capaz de transmitir o vírus para outras 18. Essas, por sua vez, podem repassar para outras 324 pessoas. No terceiro dia, já seriam 5.832 pessoas infectadas.

Mesmo assim, o sarampo tem avançado a cada semana. Até o início de novembro havia 6.640 casos confirmados no país, segundo o Boletim Epidemiológico da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS), do Ministério da Saúde (MS). A doença já atinge 19 unidades da federação.

### Situação na capital baiana

Na Bahia, até o dia 26 de outubro, 26 casos foram confirmados e outros 276 estavam em investigação, de acordo com a Secretaria de Saúde do Estado da Bahia (Sesab). Segundo a coordenadora baiana do Programa de Imunização, Akemi Erdens, a cobertura da vacinação contra o sarampo, neste ano, está

em 62%. A meta é vacinar 95% do público alvo. Em Salvador, 82 pontos de imunização foram montados no dia 10 de agosto, um esforço denominado "Dia D" de vacinação contra o sarampo. A Unidade de Saúde da Família Dr. Fernando Filgueiras, localizada no bairro do Cabula VI, recebeu 1.213 pessoas à procura da vacina, segundo relatou a enfermeira responsável pelo setor, Landi Correia.

Correia explica que a Unidade não está em campanha contra o sarampo e sim em intensificação de vacinação. "As pessoas chegam querendo receber a vacina. Verificamos o cartão de vacinação e a idade para saber se elas figuram como público alvo". A enfermeira destacou que a ausência do cartão não impede a vacinação. "Se por algum motivo a pessoa chegar aqui sem o cartão, mas se encaixar no perfil do público alvo, ela receberá a dose determinada para a idade, pois a vacinação é uma porta aberta", acrescentou.

Morador do bairro do Cabula VI, Edvaldo Silva, 50 anos, teve sarampo quando era menino. Silva procurou a Unidade de Saúde, mas não pôde receber a vacina porque estava fora do público alvo. "Eu acho que todos deveriam ter o direito de receber a vacina, já que somos contribuintes e a saúde é pública", lamentou. O morador lembrou o surto da gripe: "Na realidade, a vacinação deveria prevenir à todos. E não esperar a situação piorar para só depois vacinar as pessoas, como houve com a gripe".

Bruna Santana, 21, levou a filha de 11 meses para receber a dose. Ela soube da vacinação pelo noticiário. "Vi na televisão e decidi trazê-la. É importante para a saúde", comentou. Na unidade há banners e fotografias alertando sobre o sarampo, formas de prevenção, sintomas da doença e sobre os riscos que

ela pode trazer à saúde.

O Ministério da Saúde alerta que o sarampo pode gerar complicações como pneumonia, otites graves que provocam surdez, encefalites com dano cerebral permanente e lesões severas na pele. Em gestantes pode provocar o aborto. Em certos casos, o sarampo pode inclusive levar à óbito.

### Situação no Brasil

Dados do Guia de Vigilância em Saúde (MS/2019) apontam que em 2017 o Brasil deixou de cumprir a meta de vacinação de 95% do público alvo. Apenas 86% das crianças de até dois anos de idade foram vacinadas. A tríplice viral protege contra a caxumba, a rubéola e o sarampo. O não cumprimento da meta levou o Brasil a perder o Certificado de Eliminação do Sarampo, concedido pela Organização Pan-americana de Saúde (OPAS) e o país voltou a ficar vulnerável.

Neste ano, de 21 de julho a 19 de outubro, 6.828 casos de sarampo foram confirmados no país. Destes, 6.389 (94%) estão concentrados em São Paulo, sobretudo, na região metropolitana. A doença provocou doze óbitos no estado paulista e um no estado de Pernambuco, conforme o Boletim Epidemiológico 31 do Ministério da Saúde.

Paraná (39), Rio de Janeiro (67) e Pernambuco (56) concentram os maiores casos, na sequência. A Bahia aparece com 19 casos confirmados. O Centro de Operações de Emergência do MS monitora o avanço da doença.

O sarampo avança mais na faixa etária dos 20 aos 29 anos (31,0% dos casos - 2.113 pessoas contaminadas). O vírus também está se transmitindo nas faixas dos 30 aos 39 anos (12,7% dos casos) e entre crianças com menos de um ano (18,7% dos casos).

### Quem deve se vacinar

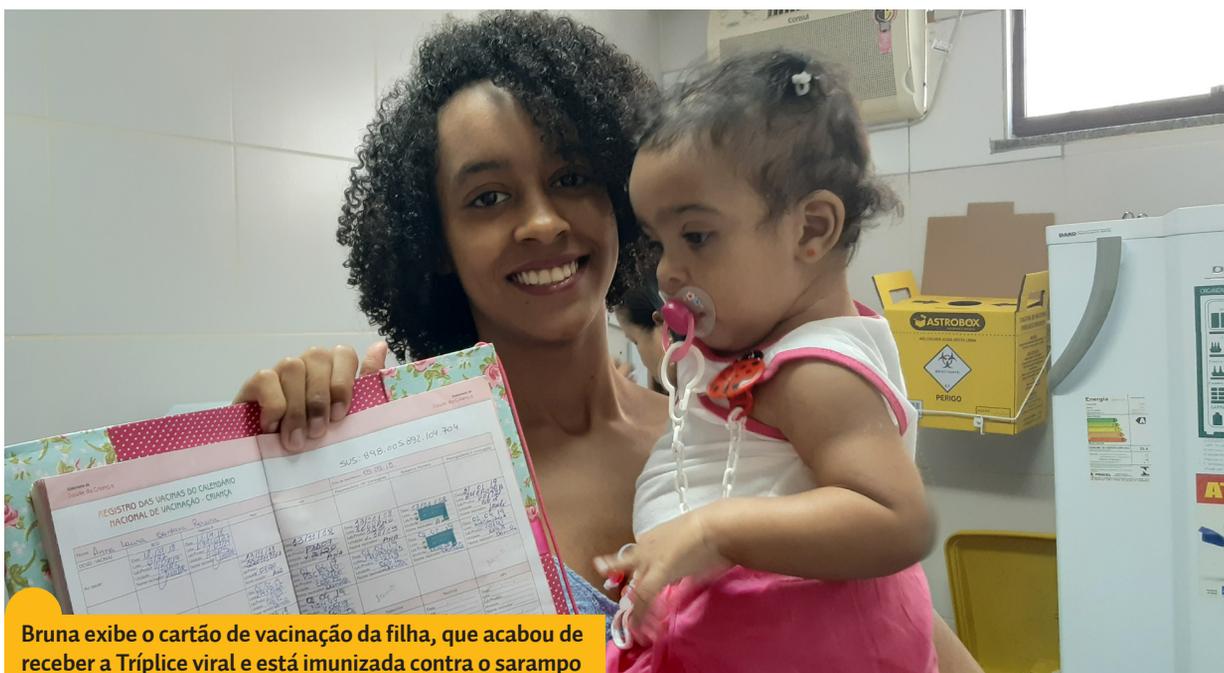
De acordo com a Secretaria de Saúde da Bahia, crianças de 6 a 11 meses deve receber a dose zero da vacina Tríplice viral. Aos 12 meses a criança deve retornar à Unidade de Saúde para receber a 1ª dose de rotina e, aos 15 meses de idade, a 2ª dose. Na faixa de 12 a 29 anos somente aqueles não vacinados devem receber duas doses da Tríplice viral. Dos 30 aos 49 anos as pessoas não vacinadas devem receber apenas uma dose.

Na página da Secretaria de Saúde do governo do Estado da Bahia há uma seção nomeada "A Bahia livre do sarampo". O link direciona para uma página dedicada exclusivamente ao combate do sarampo. A página traz orientações aos viajantes, dados da OMS, e informações sobre a doença. É possível baixar gratuitamente a Cartilha Sarampo.

## # 6 dias

seria o tempo necessário para contaminar toda a população baiana caso não houvesse vacinação

Foto: Gleyce Nascimento



Bruna exibe o cartão de vacinação da filha, que acabou de receber a Tríplice viral e está imunizada contra o sarampo



Foto: Dan Figliuolo/Labfoto

# Passando uma Barra pra se manter

Luciana Koeppel

Em 22 de agosto, a orla da Barra completou cinco anos da inauguração da primeira etapa de sua requalificação, cujo o trecho vai do Porto da Barra até o Barra Center. Porém, a maior parte do comércio local não tem o que comemorar. Aqueles que conseguiram resistir às obras e ao projeto original, sem acesso às vias da orla e estacionamentos, precisaram reinventar-se para continuar na ativa e ainda se frustram com os problemas gerados pela revitalização.

Após dez meses de obras, quase sem acesso para o público e faturamento, muitos comerciantes, ao reabrir suas portas, depararam com vias bloqueadas para veículos e poucos clientes. A dificuldade para atrair o consumidor, associada à crise econômica que surgia no país, foi fatal para muitos estabelecimentos já fragilizados financeiramente devido às obras. Os

que sobreviveram, enquanto lutavam por modificações no projeto original perante a prefeitura, foram obrigados a enxugar os custos ao máximo e buscar soluções alternativas para vender.

## Delivery e desemprego

Uma das opções mais usadas para ajudar nas vendas, tanto pelo comércio formal quanto informal, foi o delivery. Segundo Lucélia Almeida, 42, também conhecida como a baiana Célia e que trabalha há 22 anos no farol, durante o período em que não tinham nenhum acesso ao local, nem se podia estacionar perto da área, foi o delivery e a clientela fixa, que salvou o comércio informal local. “Os clientes ligavam e havia um rapaz que entregava de bicicleta e outro que também entregava de moto”, explica Célia, que deixou de fazer o serviço desde março de 2017, quando foi liberado o trânsito na via que liga o largo do farol à av. Oceânica.

Após 5 anos da requalificação do bairro, comerciantes ainda lutam para sobreviver na região

Já para Ana Paula Ferreira, 49, proprietária da farmácia de manipulação Farmus, do Barra Center, o delivery foi tão essencial no período em que o acesso à veículos e estacionamentos não existiam que, mesmo com a liberação da via e com a criação da zona azul na Marquês de Leão e na Afonso Celso, em meados de 2015, ela não só continuou como reconfigurou o seu negócio para este tipo de vendas. “Eu mudei inclusive o layout da loja, o tipo de produto que eu tenho, porque eu tenho pouquíssimas pessoas que circulam no estabelecimento hoje”, justifica.

Porém, nada foi tão devastador para quem trabalhava no comércio local quanto o desemprego gerado pelo corte de custos que assolou os comerciantes da região. Até estabelecimentos de maior porte, como o restaurante Boteco do Caranguejo, na av. Oceânica, estimaram uma redução de 40% no seu quadro de funcionários. “Não voltou ao mesmo movimento de imediato, porque passou um bom período com tudo bloqueado e sem estacionamento”, lembra Leôncio dos Santos, 33, gerente do restaurante há seis anos.

Após a permissão para se estacionar na Marquês de Leão, esse número caiu para 25% e somente na alta estação, de novembro até o carnaval, o número de funcionários voltou a se normalizar temporariamente. Já nas lojas menores, como a Globo Decor, localizada há 12 anos na área do Porto da Barra, o impacto foi ainda maior. O casal Edina e Vanderlei Farias, 72 e 67 anos, donos da loja, contam que para se manter tiveram que enxugar a estrutura da empresa ao extremo, cortando vários serviços, inclusive o de instalação dos carpetes que vendem. Por isso, demitiram sete dos seus oito funcionários de carteira assinada e terceirizaram o serviço de instalador.

### Entre o abandono e a degradação

Como se não bastasse esta luta contínua para manter o próprio espaço em funcionamento, os comerciantes ainda sofrem os problemas urbanos gerados pela enorme quantidade de falência de estabelecimentos no local. A paisagem, outrora com um comércio diversificado, agora abre espaço para trechos na orla repletos de edificações fechadas, tomadas de placas de vende-se ou aluga-se, que envelhecem sob a maresia e à noite, oferecem uma sensação de insegurança a quem passa no local. “É abandonado mesmo. Deixa o local feio. Uma praia tão bonita e aí você olha pra cá e tem essa visão degradante”, lamenta Maria José Souza, 65, proprietária de um flat na av. Oceânica há 16 anos, o qual costuma alugar.

Ao mesmo tempo, essas construções quando são reocupadas acabam dando lugar a botecos com uma estrutura improvisada, diferente da padronização proposta no projeto original que visava a beleza da orla. Sem contar que muitos vem ocupando de forma desordenada a calçada com mesas e cadeiras, dificultando a passagem dos pedestres. O caso é ainda mais grave na área do Porto da Barra, onde retiraram, inclusive, o piso tátil destinado aos deficientes visuais e bloquearam o passeio com canteiros para incorporá-lo ao espaço, obrigando às pessoas a andarem na mesma via dos veículos. “A qualidade de empreendimento é muito armengado, com pouca higiene. Não dá vontade de sentar num bar daqueles pra beber, tudo parece caceite armado”, critica Ane Freitas, 44, moradora da Barra desde que nasceu e sócia-proprietária há 17 anos da loja Casa Kaiada, na rua Afonso Celso.

Já para os informais cresceu a concorrência, com a chegada de outros ambulantes que buscam ganhar o consumidor mais pelo preço do que pela qualidade. Isso ampliou as dificuldades de se manterem na região.

### Projeto em questão

Independente dos problemas ocasionados após a revitalização da orla, os comerciantes da Barra consideram que a requalificação na área era mesmo necessária, não apenas por ser um cartão postal da cidade muito visitado por turistas, mas também porque a orla carecia de uma melhor infraestrutura que atendesse a demanda da área. Além disso, sendo a Barra um bairro antigo com muitos idosos, consideram a ideia do projeto visar o pedestre bastante positiva.

No entanto, a maioria reconhece que muito da degradação vivenciada hoje na Barra se deve à demora no atendimento das reivindicações dos moradores e comerciantes na questão do acesso de veículos às vias da orla durante os dias da semana e da permissão para se estacionar na área. “Essa liberação deveria ter acontecido desde o início. Talvez aí não diminuísse o fluxo de pessoas e não tirasse os comerciantes”, ressalta Viviane Santos, 41, recepcionista do Bahia Flat desde 1998.

Atualmente, devido aos problemas gerados na mobilidade urbana, à falência do comércio local e aos danos causados pelo lançamento de esgoto na praia, há no Ministério Público da Bahia (MP-BA), um inquérito civil que está apurando os possíveis impactos urbanos e ambientais decorrentes da obra de requalificação da Barra.





“ A qualidade de empreendimento é muito armengado, com pouca higiene. Não dá vontade de sentar num bar daqueles pra beber, tudo parece cacete armado

*Ane Freitas, moradora e empresária do bairro*



“ Não voltou ao mesmo movimento de imediato, porque passou um bom período com tudo bloqueado e sem estacionamento

*Leôncio dos Santos, gerente de restaurante*



“ Eu mudei o layout da loja, o tipo de produto, porque eu tenho pouquíssimas pessoas que circulam no estabelecimento hoje

*Ana Paula Fernandes, empresária*

Apesar da diversificação do comércio, queixa ainda é de pouco movimento



# “Não existe relação direta entre pobreza e violência”

Para especialista em segurança pública, desigualdade social é a principal causadora da violência no país

César Oliveira

**E**ncaminhado ao Congresso pelo ministro da Justiça e da Segurança Pública, Sérgio Moro, o Projeto de Lei 882/2019 prevê alterações profundas no Código de Processo Penal brasileiro e tem sido alvo de críticas de pesquisadores e especialistas do tema. Um dos pontos mais contestados é a ampliação do entendimento sobre o excludente de ilicitude, que criaria a possibilidade de não penalizar o agente de segurança pública que cometer um crime no exercício da função.

Com mais de 10 anos dedicados a compreender a relação entre a violência e pobreza, o sociólogo e urbanista Antônio Mateus vê com preocupação a proposta de classificar indistintamente os crimes cometidos por policiais em serviço como legítima defesa. Professor na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, ele lamenta que pesquisadores e especialistas em segurança pública negligenciem a importância da família, da escola e, sobretudo, da igreja no combate à violência. Nesta entrevista, ele critica as políticas de combate à criminalidade em curso no Brasil e chama atenção para fatos como as estruturas físicas das escolas públicas, apontadas como não-acolhedoras, lembrando os presídios: portanto, não contribuem para uma cultura de paz.

## **O pacote anticrime do juiz Sérgio Moro apresenta alguma novidade ao debate sobre a violência no Brasil?**

Não. Nada mais faz do que tocar superficialmente num tema que já é pauta nacional e internacional. Violência e criminalidade fazem parte de uma agenda global e, no Brasil, está entre os três assuntos que geram um maior clamor na população. Por isso ele joga para a plateia.

## **Mas o governo joga para a plateia quando propõe tipificar as organizações criminosas?**

Dar nome a facções não significa dizer que você tem propostas executáveis, passíveis de se converterem em ações concretas para diminuir a atuação delas. É impossível acreditar que o Estado irá combater grupos criminosos altamente organizados, com forte penetração em segmentos sociais vulneráveis, por meio do aumento de pena para os seus integrantes.

## **Por que elas se tornaram tão fortes a ponto de merecerem destaque num projeto de governo?**

Temos que considerar que os humanos se fortalecem com a coesão. Os coletivos dão sentido à existência do indivíduo e exercem uma força sobre eles. As instituições são fundamentais para pensar a sociedade, tanto as instituições virtuosas como as desvirtuosas. O que percebemos é que as lacunas deixadas

pelo Estado fizeram com que se instituíssem no Brasil algumas das organizações criminosas que atuam cooptando jovens deliberadamente.

## **Por que os jovens são os mais vulneráveis?**

Porque a juventude é um momento de inquietação, de busca por realização de desejos, de muita curiosidade. Todo jovem quer ter acesso àquilo que disseram que é legal, mostrado como bacana, que dá prazer em ter acesso. E quando eles não possuem o objeto de desejo, não têm sequer o mínimo para viver e construir sua cidadania por conta das ausências do Estado de Direito, eles entram no estado de exceção. Se tornam alvos fáceis de toda a sedução que o tráfico de drogas exerce e da cooptação do crime organizado.

## **O modelo de combate ao tráfico de drogas adotado no Brasil contribui para esse cenário?**

Sim. Por que, como há um largo consumo por amplas parcelas da sociedade, há um mercado enorme não regulamentado. A falta de controle na produção, distribuição e venda no varejo permite a atuação de grupos que atuam na ilegalidade. Por mais que possa parecer estranho, o Estado não deveria ficar fora disso. É o que alguns países já estão fazendo, a exemplo do Uruguai. A presença do Estado limita a atuação grupos de exceção e, conseqüentemente, os crimes

decorrentes das disputas pelo monopólio da venda.

### **Mas na Bahia existem muitas mortes relacionadas às disputas pelas 'bocas'. Podemos dizer que o crime na Bahia é desorganizado?**

Não necessariamente. Você tem três ou quatro facções que distribuem a droga no atacado, mas no varejo é que a distribuição ocorre sem uma regulamentação. Aí eles começam a se matar... Não tem organização nesse varejo! É só você comparar. A situação aqui é pior que no Rio de Janeiro.

### **Por que a situação da Bahia é pior?**

A Bahia continua sendo o estado em que a matança de jovens negros da periferia é muito grande. Entende? Porque além de uma subnotificação estatística, você tem uma cidade como Salvador na qual a violência é escondida nas franjas urbanas, em cidades vizinhas, a exemplo de Simões Filho, a mais violenta da Bahia, uma das mais violentas do Brasil. Também porque corpos de vítimas de assassinatos na capital vão parar lá, e o homicídio é contabilizado na conta daquele município. Além disso, no Rio de Janeiro você tem organizações de bairro mais fortes que as nossas, uma organização de território mais eficiente e isso tem que ser estimulado... as relações de vizinhança em Salvador elas devem ser estimuladas.

### **O pacote anticrime propõe alguma alteração no atual modelo de combate às drogas no país?**

“ As instituições são fundamentais para pensar a sociedade, tanto as virtuosas como as desvirtuosas

O Estado brasileiro historicamente negligencia a pobreza que, sem sombra de dúvidas, é fato impulsionador da criminalidade. Note que não se trata de associar crime e pobreza, pois eles podem convergir em determinados territórios, mas não são sinônimos. O projeto do ex-juiz é um exemplo disso. Ele não sinaliza para qualquer enfrentamento do grande motivador da violência hoje no Brasil, a desigualdade social, que foi e é secundarizada nos debates sobre segurança pública. Você acordar e não ter o que comer, isso é uma violência, pois a falta de acesso a emprego, a situação de empobrecimento vulnerabilizam o sujeito. O que resta a ele? A negligência do Estado! Mas o crime organizado está atento a isso.

### **Então, ao desconsiderar a desigualdade social o chamado pacote anticrime não aponta para alteração no cenário de violência vivido pelo Brasil?**

Não. Ele apenas alimenta o discurso de combate à criminalidade, sem sequer construir uma avaliação qualificada do que é violência e do que

é crime. A repressão ao crime, da forma que está sendo apresentada, gera mais violência. O aumento e o endurecimento da punição são apresentados como solucionadores do problema. Se a questão continuar sendo vista dessa forma, nada vai ser resolvido. É um projeto que não tem efetividade nem sustentabilidade social porque ele desconsidera as principais causas da violência e da criminalidade na sociedade brasileira.

### **Na sua opinião, quem poderia contribuir para um debate honesto sobre combate à violência e à própria criminalidade?**

As instituições sociais, a família, a escola e, sobretudo, a igreja. Essas instituições são fundamentais, não podem ser negligenciadas. Digo isso porque pesquisadores e professores das universidades acabam sendo arrogantes em relação a essas instituições, principalmente às igrejas. Mas o que elas conhecem sobre os jovens, seu contexto, seu mundo, seus complexos geracionais são fundamentais para promover diálogos e reflexões sobre o combate à violência na sociedade. Nesse sentido, a escola também precisa ser vista por uma outra ótica: como um espaço que deve estar associado à territorialidade, que remete à vínculos, às trocas, a um contexto. Descontextualizada, ela se torna anacrônica para o jovem e deixa de ser um lugar com força na relação de humanização. Desumanizado, o jovem não aprende. Se ele não se sente abraçado, não se sente pertencente, ele sabota uma escola. Então a escola precisa de uma vinculação maior com o seu território.

### **Mas qual a relação de uma escola mais vinculada ao território e a violência urbana?**

É uma relação direta, pois, o Estado, que não demonstra nenhum compromisso com uma escola mais humana e acolhedora, oferece a polícia como única solução para a violência. É essa discussão que se materializa, agora, sobre a ideia de militarização da escola. Mas a polícia não tem meios pedagógicos e dispositivos intelectuais na sua formação para que isso funcione. Uma proposta mais do mesmo, porque as escolas públicas já têm grades, são de concreto armado, nos mesmos mode-

“ O Estado brasileiro historicamente negligencia a pobreza que, sem sombra de dúvidas, é fato impulsionador da criminalidade

los dos presídios. Logo, são espaço de reprodução de violência, não são um espaço de acolhimento. Isso trava qualquer processo de produção, de sujeitos plenos, portadores de uma subjetividade positiva. Jovens e, sobretudo, crianças em tenra idade, precisam de acolhimento, elas precisam ver o colorido, o verde, correr, brincar.

### **Todos os caminhos para proteger os sujeitos mais diretamente impactados pela violência levam à escola?**

Isso é um dos caminhos. Além da escola, tem a própria família. Não apenas a ideia que temos de família nuclear, pais e filhos, mas aquela que congrega um núcleo de pessoas que se gostam, se protegem mutuamente e são responsáveis por assegurar a transmissão de valores aos mais jovens. Essa família ficou vulnerável pela falta de acesso a uma sociedade de direitos, do consumo, do lazer, da saúde e do emprego. Temos que atuar para fortalecer os arranjos familiares e criar mecanismos que possibilitem a inserção plena dessas famílias na sociedade. Isso também pode amortizar a vulnerabilidade dos jovens e a médio e longo prazo contribuir para diminuir a violência.

Foto: Acervo pessoal



# PAROU O BABA



## Atraso em construção de centro esportivo em Itapuã deixa cerca de 300 jovens sem local para praticar esportes

Ícaro Lima

Já faz mais de dois anos que os moradores do bairro de Itapuã estão sem acesso a um local que proporcionava atividades de lazer e perspectivas de futuro profissional para jovens da região. O terreno onde antes funcionava o Centro Esportivo Armindo Biriba, conhecido como “Campo da Ilha” (em uma referência ao local em que se localiza, na Rua da Ilha), atendia cerca de 300 pessoas que participavam de aulas de futebol, vôlei, basquete, karatê, judô, jiu-jitsu entre outras modalidades.

Hoje, o que se vê é uma obra que se arrasta através de diversas promessas de entrega não cumpridas depois que a prefeitura de Salvador iniciou, no mesmo local, o processo de construção do primeiro Centro de Iniciação ao Esporte (CIE) da cidade. Porém, entre mudanças de construtoras e alterações nas previsões de término, até hoje o centro não foi inaugurado.

### A obra

Com construção iniciada em março de 2017, o CIE estava previsto para ser inaugurado após seis meses, em dezembro do mesmo ano. O projeto original previa uma arquibancada para quase 200 pessoas, área de apoio, sala de professores e técnicos, chuveiros, vestiários,

enfermaria, academia, depósito, copa e sanitários. A obra teve um orçamento inicial de quase R\$ 3 milhões, dividido entre o Ministério do Esporte e a Prefeitura Municipal de Salvador, e é fruto da segunda etapa do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC-2), do Governo Federal. Seria o primeiro centro desse tipo em Salvador, e um segundo seria construído em São Marcos, que, apesar de estar mais avançado que o de Itapuã, também não foi inaugurado até o momento.

Quem passa em frente a local pode perceber que na placa em que consta dados da obra, mais precisamente no campo em que mostra previsão de entrega, há um adesivo colocado no campo da previsão de entrega, sinalizando a alteração feita, e que incomoda os moradores da região.

### Promessas e mais promessas

Os relatos de quem vive ali é que o equipamento era importante para o aspecto social do local, em alguns casos, sendo o primeiro passo para ajudar jovens de baixa renda a se tornarem um atleta profissional. Após o início das obras, em 2017, a expectativa dos moradores era de que o Campo da Ilha se tornasse, em poucos meses, um centro esportivo mais moderno. Mas esse compromisso não foi cumprido pela prefeitura.

Uma das pessoas que mais escutou essas pro-

messas em relação à entrega do novo equipamento é também um dos que mais “fiscalizam” a obra. Gustavo Lustosa, 13 anos, mora perto da Rua da Ilha e jogava futebol em um projeto que funcionava no antigo campo. Ele conta que desde quando iniciou a reforma, passa regularmente em frente ao local e olha pela fresta do portão de acesso principal para descobrir se houve algum avanço na construção.

“A gente treinava aí há muito tempo, eu e meus amigos. Eu lembro no dia que [o prefeito] ACM Neto [prefeito de Salvador] veio aqui falar que iria ter uma reforma. Aí depois de uns dias teve que acabar o projeto, por causa da construção, teve que mudar para o Cassas, clube social que pertence à Aeronáutica]. A

“ A gente, quando passava, botava a cara para ver se estava construído e só ficava nisso daí”  
Gustavo, vizinho da obra

gente foi esperando, esperando, esperando e ficou um tempão a obra parada. A gente quando passava botava a cara ali [no portão] para ver se estava construído e só ficava nisso daí”, conta o garoto.

Gustavo conta que o atraso em concluir a obra o fez mudar de escolinha: “Minha tia disse que ia tentar falar com o governo, entrar em contato com ACM Neto para falar que não adiantou de nada dizer que ia construir e estar até hoje atrasada. Depois desse dia, ficou um tempão, quase dois anos, aí eu falei com o meu avô e disse: ‘Olha, meu avô, eu quero que o senhor me bote em outra escolinha porque se eu depender disso daí eu vou perder meu tempo’, relembra.

Quem também sente bastante essa falta é o professor Jonatã de Jesus, 34, que dava aulas de capoeira, boxe, jiu-jitsu e taekwondo no antigo Campo da Ilha. Hoje vivendo na Itália após o fim do projeto, ele atendia diversos alunos, entre os quais muitos deles seguiram na carreira esportiva, o que rendeu para a academia diversas participações e títulos em competições, nacionais e internacionais.

Jonatã conta que o projeto recebia jovens e crianças de baixa renda, geralmente com uma frágil estrutura familiar, e dava uma chance de poderem se transformar em competidores profissionais ou seria como uma atividade ocupacional saudável durante a semana.

“Esse era o meu papel e de alguns amigos e professores, que tentavam, de alguma forma, dar alguma coisa a essas pessoas. Dedicar nosso tempo não foi o suficiente, arrancaram de todos um lugar onde o esporte predominava, onde descobríamos novos talentos e onde pessoas podiam ter o seu lazer, que era o verdadeiro objetivo do centro esportivo”, lamenta.

“ Dedicar nosso tempo não foi suficiente, arrancaram o lugar onde descobríamos novos talentos e as pessoas podiam ter o seu lazer”  
Jonatã de Jesus, ex-professor do espaço

Sem conseguir acreditar em mais uma data de previsão dada pela prefeitura junto com a construtora, Jonatã não fica totalmente esperançoso que ainda no fim deste ano, último prazo divulgado, o centro esportivo volte a atender os jovens da região. “Agora pense, na cabeça da gente, mestres e professores, ver toda essa estrutura estar em meios a ruínas e promessas, sem previsão de volta”, completa.

#### O que diz a prefeitura

No início do ano passado, o então titular da Secretaria Municipal de Trabalho, Esportes e Lazer (Semtel), Geraldo Júnior, justificou o atraso, em entrevista ao site Bahia Notícias, alegando um impasse entre a prefeitura e a empresa responsável pela obra, resultado de “algumas adequações contratuais e reajustes de preço”.

Geraldo também afirmou que a previsão inicial de entrega, que seria setembro de 2017, foi um “erro da assessoria” e que a estimativa correta para o centro ficar pronto era abril de 2018.

Nenhum desses prazos foi cumprido e Geraldo Júnior, agora presidente da Câmara Municipal de Salvador, nem é mais o responsável pela secretaria, que foi para as mãos de Alberto Magalhães Pimentel Júnior, no fim do ano passado. Atualmente, a nova data de entrega do Centro de Iniciação ao Esporte de Itapuã é 31 de dezembro deste ano. Resta saber se essa data será, finalmente, cumprida.

A equipe do Jornal da Facom questionou à Semtel sobre a confirmação novo prazo de entrega, estágio da obra, realocação dos projetos sociais que atuavam no local e outros motivos do atraso, mas não obteve respostas até o fechamento desta matéria.

## # PRORROGAÇÕES



Fotos de setembro registram adesivo corrigindo data de entrega da obra



# Escola centenária do Garcia é reprovada na matéria trânsito

Apesar das tentativas do colégio e dos órgãos de trânsito, engarrafamento faz parte da rotina da comunidade

César Oliveira

Em dias letivos as principais vias que dão acesso ao Garcia no centro de Salvador ficam congestionadas por conta do aumento de fluxo de veículos nos horários de chegada e saída de alunos do Colégio Antônio Vieira.

Construído há mais de um século, o Vieira fica no centro de um bairro cortado por ruas que foram projetadas num tempo em que a quantidade de carros em circulação na cidade era muito menor que a atual. O aumento dos veículos em circulação, associado ao grande número de alunos do colégio tornaram o engarrafamento uma constante no local.

## Praticamente todo dia é a mesma agonia

Os enormes engarrafamentos que se formam diariamente nas três principais vias de acesso – Leovigildo Filgueiras, Padre Domingos de Brito e Pacífico Pereira – ao bairro do Garcia situado no

centro de Salvador são resultados do aumento do número de veículos nos horários de entrada e saída de alunos. Nos dias de maior intensidade de congestionamento, o tempo médio para realizar o percurso, de aproximadamente 2,8 Km, que separa a praça Lord Cockrane, na Garibaldi, e o Teatro Castro Alves é de cerca de 40 minutos, um trajeto que normalmente seria feito em dez minutos. É o que conta Luiz Ramos, 35, motorista da linha de ônibus Barbalho/Iguatemi. Ele conta que, por conta do engarrafamento, aumenta o tempo de duração de cada viagem. “Perco muito tempo no engarrafamento e por isso atraso a troca de turno com colega. Alguém tem que tomar uma providência”, cobra.

Alan Santos, 32, lamenta que para chegar na Pituba às 7 horas, percurso que não passa de 20 minutos, tenha que sair de casa antes das 6:10; caso saia depois, chegará atrasado. “Tudo por conta de casos de desrespeito às leis do trânsito. É carro na contramão, parando em cima da faixa para deixar filhos, e você quer ver coisa é quando carros vindos

das três direções querem entrar ao mesmo tempo em um portão, aí que é confusão”, reclama Santos.

De acordo com o inspetor de qualidade e morador da rua Conde Pereira Marinho, Gutemberg Lima, 38, o pior período é entre 12h e 13h30. É nesse horário que o congestionamento é sentido em toda a região. “Se entrar pela Avenida Leovigildo Filgueiras, o engarrafamento já começa no Campo Grande; se subir pela Garibaldi, a ladeira que começa na Praça Lord Cockrane já está parada; e a alternativa da curva grande do Garcia (Pacífico Pereira) é a pior, já começa a engarrafar em frente ao Instituto Médico Legal Nina Rodrigues. Trava tudo”, observa.

Trabalhando há quatro anos numa das panificadoras localizadas no bairro, Daniel Silva, de 44 anos e morador da Vasco da Gama deixou de pegar o ônibus que faz o itinerário Barbalho/Iguatemi, que passa em frente ao seu local de trabalho, para utilizar um outro que não passa pelo Garcia. Cansado do engarrafamento, ele agora opta por uma linha que faz um trajeto diferente e o deixa no Campo Grande, de onde caminha até o trabalho. “Perco mais tempo no ponto, pois o outro ônibus vem da Base Naval, depois ando uns 10 minutos e, ainda sim, chego mais cedo. Mas têm colegas de trabalho que preferem subir a ladeira [do Garcia] andando. É muito difícil”, relata Daniel.

Reflexos do engarrafamento chegam ao fim de linha do Garcia. João Barroso, 76 anos, proprietário do Aconchego da Zuzu, lamenta o engarrafamento, pois, querendo ou não, tem impacto em sua clientela. Segundo ele, as pessoas têm apenas uma hora ou uma hora e meia para almoço, e, “se tiverem que pegar meia hora de engarrafamento, aqui elas não vêm”. Mas o prejuízo maior é para os moradores da comunidade, uma vez que “muitos motoristas de ônibus que fazem linha para o bairro se aproveitam dos engarrafamentos para não completar a viagem ou mesmo para se negar a subir a ladeira, o que é um absurdo”, frisou.

## Aproveitando a oportunidade

Morador do Garcia e conhecedor do engarrafamento, Agenildo Junior, 24, percebeu nas longas filas de veículos que se formam em toda a extensão do bairro, nos horários mais quentes do dia, uma oportunidade para driblar a falta de emprego formal. “Desempregado, comprei uma caixa de isopor e passei a pegar o ônibus aqui na frente do colégio e descer no pé da ladeira da Garibaldi, de lá eu pego outro e torno a subir, mas tem dias que vou até o Campo Grande. É correria. Desce de um sobe no outro para aproveitar a fila. Já tenho dois anos nessa”, disse.



Foto: César Oliveira

O engarrafamento é sinônimo de trabalho para o baleiro Carlos Santos, o Galego, morador da Ferreira Santos. “Chego aqui no meio da manhã, lá pelas 10h. Aí começo a vender nos buzus, mas o movimento ainda é fraco. Meio-dia a coisa melhora, depois cai de novo. Tenho salgadinho, batatinha, jujuba, cocada, pipoca doce e puruca. Até as madames dos carros compram. Quando dá umas 17h, melhora de novo. Deço pra casa de noitinha. Quando o engarrafamento é fraco aí é barril pra nós,” contou.

### **Transalvador realiza ações e para diminuir os efeitos na cidade**

O problema do congestionamento no local requer atenção constante da Transalvador. De acordo com gerente de Trânsito, Antônio Neri, os agentes do órgão fazem o monitoramento constante das vias de acesso ao Garcia, “mesmo assim a gente observa que esse congestionamento provocado, em sua maioria, pelo transporte de alunos, é muito grande”. Neri afirma que, para tentar minimizar os efeitos do engarrafamento desse atrativo de veículos provocado pela escola, o órgão realiza ações de monitoramento, controle de tráfego e a permanente orientação aos pais para que permaneçam em filas e realizem o embarque e desembarque com maior celeridade. Além disso, no início do ano letivo e do segundo semestre são realizadas campanhas de educação para o trânsito, tal como cuidados com a sinalização para a segurança de alunos e de toda a população. “O que fazemos é buscar controlar a situação da melhor maneira possível tentando minimizar os efeitos negativos. Nesse sentido, o Vieira tem ajudado, pois, atende a tudo que a Transalvador exige para melhoria do fluxo de entrada e saída de alunos”, contou Neri.

### **Colégio e as ações para tentar minimizar os impactos**

O colégio Antônio Vieira afirmou, por meio de Sérgio Silveira, diretor de Gestão de Pessoas, que a escola tem se empenhado em ações que contribuam para a melhoria do trânsito no local. Entre as iniciativas, a instituição disponibiliza atualmente cerca de 250 vagas, fixas e rotativas, em estacionamentos no interior da escola, além de 19 funcionários, distribuídos em dois turnos, que atuam para organizar o embarque e desembarque de alunos. Do lado de fora da escola existem três monitores de trânsito de uma empresa terceirizada, credenciada junto a Transalvador, que por força de um decreto municipal os estabelecimentos geradores de trânsito são obrigados a contratar. Esses monitores, por meio do uso do apito, ajudam a orientar o tráfego, fazem a travessia dos alunos na faixa de pedestre e ordenam o fluxo de entrada e saída de carros no colégio.

Segundo Silveira, em paralelo a esse trabalho, o Vieira tem participado de reuniões com a Transalvador para discutir propostas para diminuir o impacto do problema junto à comunidade. Ele afirmou que a escola contratará uma empresa especializada em viabilidade urbana para estudar ações que possam impactar mais positivamente no trânsito, e também estuda a possibilidade da criação de um novo estacionamento que disponibilizará mais 300 vagas no interior da escola, além da flexibilização de mais vagas nas quadras esportivas. “E, associado a tudo isso, iremos desenvolver campanhas educativas visando conscientizar os pais sobre a importância de uma boa convivência no trânsito”, garantiu.

# De cara com o agente

## 4 pontos polêmicos sobre a atuação da Transalvador

Alisson Oliveira

Existe indústria da multa? Os agentes de trânsito recebem comissão para aplicar sanções? Por que não vejo a Transalvador aqui no meu bairro? Essas são dúvidas comuns da população soteropolitana acerca da fiscalização do trânsito de Salvador. Conversamos com André Luiz Gomes Camilo, 43 anos, agente de trânsito há quase vinte anos e atual presidente da Associação dos Servidores de Transporte e Trânsito do Município de Salvador (ASTRAM-SSA/BA). Ele nos contou um pouco sobre estes e outros assuntos relacionados à autarquia que arrecada cerca de noventa milhões de reais por ano.

### **A população acredita que a Transalvador só visa arrecadação, até se fala sobre “indústria da multa”. O que você pode falar sobre isso?**

A verdade é que hoje nós temos mecanismos que ou você vai autuar ou responderá a um processo administrativo. Existe um aplicativo chamado NOA Cidadão com o qual qualquer pessoa informa uma infração de trânsito e a Transalvador envia viaturas. Um veículo em cima da calçada, em uma porta de garagem, a própria população faz o trabalho de agente indiretamente. Toda ocorrência que é enviada pela NOA [Núcleo de Operação Assistida] tem de vir um relatório, então o agente de trânsito precisa autuar, porque senão ele estará prevaricando aquele processo administrativo. Então a informatização que o órgão tem hoje proporciona o aumento [de denúncias] das infrações de trânsito, pois a própria população fiscaliza isso. Então nós temos de cumprir o CTB [Código Brasileiro de Trânsito].

### **A população também acredita que os agentes são comissionados pelas autuações que pratica...**

[Risos] Isso é uma lenda! Se fosse verdade, alguns colegas aqui já estariam milionários. Eles autuam por cumprir na íntegra o que está no CTB, eles são realmente caxias e todo dia é, no mínimo, cem infrações de trânsito. E se vasculhar a vida de uma pessoa dessa, verá que ela não tem nada demais do que tinha dez anos atrás. A autuação é a parte punitiva da nossa função. Não pode existir remuneração para isso. O agente de trânsito também é um educador.

### **Existem localidades em Salvador onde a Transalvador não atua pela questão da violência?**

Alguns bairros da periferia de Salvador, como Suburbana, São Caetano, Liberdade ou Fazenda Grande, onde existe um grande número de motociclistas, onde a maioria não tem habilitação e também é muito comum assaltos praticados por motociclistas nessas regiões, uma guarnição sem armamento não tem como fiscalizar sem colocar a integridade física em risco. Por isso operações nestes

locais são com apoio da Polícia Militar. Realizamos operações juntamente com Esquadrão Águia, que também atua com questões relacionadas ao trânsito.

### **De 2015 a 2017, tramitou no Congresso o Projeto de Lei 152/2015, cujo objetivo era dar porte de arma ao pessoal de fiscalização dos departamentos de trânsito, que foi vetado pelo então presidente Michel Temer. Você julga o porte necessário? Por quê?**

O porte de arma vai dar condição de o agente fiscalizar o trânsito de maneira integral. Existem infrações onde é necessário o contato com o condutor. É uma atividade perigosa, então precisamos do porte para fazer com que o Código de Trânsito seja cumprido em sua integridade.

### **Os atuais agentes têm perfil para trabalhar armados?**

Aqueles que se habilitarem a portar arma passarão por toda a formação que hoje passa um policial militar. Acredito que existem pessoas aptas e outras não. Então só irão atuar na rua armados aqueles que tiverem capacidade técnica e psicológica.

### **Para finalizar, qual a mensagem você gostaria de transmitir à população soteropolitana sobre a atividade dos agentes de trânsito?**

A população precisa entender que o agente é um salva vidas. Todas as vezes que estamos nas ruas trabalhando é para evitar acidentes, mortes, tragédias. Todos os dias estamos fiscalizando as ruas, garantindo os direitos dos idosos, cadeirantes, gestantes e lactantes, permitindo que todos cheguem bem em suas casas, mesmo que a única parte visível à população seja a autuação, porque dói no bolso.



Foto: Acervo Pessoal

## Cineteatro comemora 36 anos com apresentação 'Corpo em movimento na terceira idade'



Fotos: Cineteatro Lauro de Freitas/Divulgação

# Um palco para afastar a solidão

Ana Generoso

Há quatro anos, quando se mudou de São Paulo para Lauro de Freitas com o marido, Sandra Bonfim, 57 anos, sentia-se sozinha. Estava se recuperando de dois AVCs, morando longe dos filhos e era muito tímida e fechada. Os dois últimos anos dentro do Cineteatro mudaram isso.

Hoje, saudável e tão alegre quanto seu cabelo lilás, o sorriso de Sandra e de mais 17 alunas iluminam a sala multiuso do Cineteatro Lauro de Freitas duas vezes por semana durante a oficina 'O corpo em movimento na terceira idade'.

Aquecidas ao som de Michael Jackson, seguido de um Pai Nosso rezado em círculo, a turma brinca, conversa e se exercita sob o olhar cuidadoso da profissional de dança Heloísa Maria, a educadora física Priscila Nascimento e a profissional do teatro Thais Oliveira. Há quatro anos, elas trabalham no Cineteatro com a oficina voltada para o público da terceira idade, que atende cerca de 60 alunos por semestre.

Histórias de depressão, cansaço e isolamento como a de Sandra levaram a maioria das alunas

a procurar a oficina, na qual o principal benefício, segundo elas, é a socialização. Graças às aulas e ao apoio das colegas, que depois viraram amigas, Marlúcia Gonzaga, 62, conta ter perdido a timidez que veio com a idade. "Hoje não posso ouvir uma música que já quero dançar", compartilha, entre risos.

As professoras defendem que é essencial entender os idosos como indivíduos que desejam e merecem ser incluídos em toda e qualquer atividade. "A oficina propõe não vê-los através do olhar estigmatizado, que reforça o lugar do inválido, sem importância social, mas vê-los como indivíduos capazes, que continuam exercitando sua cidadania e lutando pelos seus direitos e espaço", explica Heloísa.

A oficina 'O corpo em movimento na terceira idade' foi aprovada e renovada, em 2019, pelo 6º edital da Secretaria Estadual de Cultura (SecultBA). A ideia é abrir as portas de espaços culturais para mais projetos e pautas artísticas da comunidade.

As aulas no Cineteatro são semestrais e têm uma mensalidade de R\$65 que cobre aulas de pilates, dança e teatro. São ofertadas turmas matutinas, das 8h30 às 11h30, e vespertinas, das 16h30 às 17h30, nos dias de segunda e quarta.

# Lugar de conversa é na biblioteca

## Biblioteca Pública abre espaço para debate no Costa Azul

Maria Clara Andrade

Oficinas, palestras, rodas de conversa e poesia movimentam a Biblioteca Pública Thales de Azevedo, no bairro Costa Azul. Mensalmente, cerca de quatro a cinco atividades são realizadas gratuitamente atraindo públicos variados. Enquanto os jovens participam de debates, os idosos do bairro são incentivados a "meter as caras" no celular, com atividades que estimulam o uso de smartphones e outras tecnologias.

Em julho, duas atividades para a terceira idade foram realizadas no espaço, sendo uma delas uma oficina prática de manuseio do celular. A outra atividade, o Arraiá Literário, deu espaço para que idosos revivessem as tradições das festas juninas com direito a bingo literário com premiação de livros.

Todas as bibliotecas que integram o Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas da Bahia, coordenadas pela Fundação Pedro Calmon, devem desenvolver ações em prol da sociedade. "Existe um planejamento que é feito, no qual se aborda vários temas durante o ano todo. Esse calendário é elaborado pela Diretoria de Bibliotecas Públicas, que é o órgão que gerencia essas bibliotecas", explica Ana Paula dos Anjos, diretora da biblioteca.

Apesar de seguirem um planejamento de temas em comum, as atividades realizadas não são as

mesmas em todas as bibliotecas. Cada uma das setes instituições estaduais possui um diferente público-alvo, o que dá margem para variar o tipo de atividade oferecida. "Foi feita uma pesquisa de comunidade, [o público-alvo] é de 16 a 21 anos. Cada biblioteca tem um perfil. A gente faz a pesquisa justamente para poder aprimorar o serviço que nós oferecemos," conta Ana Paula.

A partir dessa elaboração mais cuidadosa dos serviços oferecidos, é possível distinguir qual a maior necessidade a ser abordada em cada espaço. Para além dos temas programados, práticas que visam, direta ou indiretamente, um melhor desempenho no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), também são desenvolvidas com mais frequência.

### Parceria com o Colégio Thales de Azevedo

Desde oficinas de atuação à ações de prevenção ao uso de drogas, os estudantes do Colégio Thales de Azevedo participam de dinâmicas que extrapolam o lugar comum da sala de aula. O interesse dos alunos reafirma a atratividade das programações interativas em bibliotecas públicas. O ex-aluno Everton Guimarães, 18 anos, lembra uma palestra que participou ainda em 2016, sobre direitos humanos e cidadania. "Foi uma palestra bem participativa, com

bastante troca de opiniões", conta. Egresso do colégio em 2018, as lembranças que ficam para Everton da biblioteca pública é de um espaço acolhedor e muito frequentado pelos colegas.

Imária Rios, pós graduada em História da Bahia, participou de duas rodas de conversa na biblioteca. O interesse dos estudantes pelos temas propostos a surpreendeu positivamente. Na primeira mediação em que esteve presente, realizada em março, o tema foi os 55 anos de ditadura militar, suscitando uma discussão acalorada. "Teve a possibilidade de abrir a participação para o público e eu acho que tiveram presentes mais de 70 pessoas. Os alunos participaram de uma forma incrível", lembra Imária.

As oficinas e atividades como um todo são muito elogiadas pela historiadora. Os estudantes do Colégio Thales de Azevedo se tornaram, para ela, exemplos de jovens com senso crítico bem construído. "Eu notei que aquele público em específico trouxe muita contribuição, achei inteligentíssimos. Tinham figuras específicas que tinham um interesse muito grande e um nível de leitura riquíssimo mesmo. Muitos deles pelo que eu vi ali naquele momento de interação já estão prontos para a universidade, para a discussão de atualidades e de política também", relata entusiasmada.

# Lá tem caruru

## Público LGBTQI+ se diverte e debate temas sociais em evento na Residência

Kizzy Lumumba

“Ballbúrdia”. Esse foi o tema da 11ª (décima primeira) edição do Caruru da Diversidade, que aconteceu no primeiro sábado de Outubro (5). Os organizadores quiseram ressignificar a classificação dada pelo ministro da Educação Abraham Weintraub às atividades das universidades públicas federais com o “Ball Culture”, movimento vivido pela cena underground LGBT, nos anos 70, em Nova York.

A festa é organizada por seis membros do Grupo de Dissidência Sexual e de Gênero das Residências Universitárias da UFBA (GDR) e fomenta o cenário artístico LGBT da cidade com apresentações de música, performances de coletivos Drag Queen e muita dança.

“Quando produzimos uma festa assim, a gente está comemorando que está vivo. Uma festa que coloca no palco artistas que dificilmente vão ter acesso em Salvador a um público tão grande como o que a gente consegue montar aqui. Por que incomoda tanto a gente fazer uma festa para se reunir?”, desabafa Gustavo Domingues, estudante de Fisioterapia e membro do GDR. “Espaços como o Caruru, que ocorrem uma vez no ano, mas toma proporções grandes, são oportunidades para essas pessoas”, completa.

O ativismo político presente começa desde a escolha dos responsáveis por preparar a comida.

Nesta edição, foram 600 pratos preparados pelo restaurante Ajejum da Diáspora, com parte da equipe diretamente ligada às religiões de matriz africana, mantendo a tradição do oferecimento do caruru.

Prato típico da culinária baiana, o caruru, é preparado no mês de Setembro em homenagem aos santos gêmeos da igreja católica São Cosme e Damião, chamados de Ibejis, “divindades gêmeas”, por religiões de matriz africana. O que fugiu à tradição do evento da residência este ano foi o mês. Por conta de questões orçamentárias, o caruru só pôde ser realizado em outubro, e não em setembro.

Durante o evento, os artistas trouxeram questões sociais como o machismo, LGBTfobia e racismo. O coletivo de Drag Queens Bonecas Pretas protestaram contra o preconceito racial em sua primeira apresentação no Caruru da Diversidade. Uma das performistas do coletivo, Alehandra Dellavega, foi convidada em 2017 e desde então seu encontro com o projeto já está marcado no calendário. “É de suma importância pra mim, tanto como preta, como periférico”. Nesta edição sua performance foi baseada na música Cota Não é Esmola, de Bia Ferreira.

Entre uma performance e outra, as mestres de cerimônia contavam suas histórias com o Caruru, mantendo sempre um discurso político sobre diversidade. O evento também homenageou Paulilo, uma das personalidades que tem ganhado destaque em Salvador com uma festa tipo paredão “120% LGBTQI+”. Aclamado pelo público, ele recebeu o título Rainha da edição ao som de Faz uma Loucura por Mim, de Alcione.

“Quando produzimos uma festa assim, a gente tá comemorando que tá vivo

Gustavo Domingues, morador da residência e um dos organizadores do Caruru da Diversidade



Foto: Benedito Cirilo/Labfoto



A drag queen Natha Sympson performando na festa

## Estudantes oferecem serviços jurídicos gratuitos em Cosme de Farias

Carlos Magno

Estudantes de Direito da UFBA formaram um grupo para prestar assistência jurídica à comunidade de Cosme de Farias, bairro localizado na região de Brotas. As atividades do grupo iniciaram em 15 de julho e, em dois meses, já contavam mais de 200 pessoas cadastradas. “Por semana, em média, atendemos 40 à 50 pessoas”, relata o diretor de cultura da instituição, Daniel Thamas, 23 anos. Chamada de Doutor Cosme, a associação sem ligação político-partidária reuni 30 estudantes, oito advogados, quatro psicólogos e dois contadores.

Atualmente, o grupo oferece assessoria jurídica gratuita em casos de direito penal, previdenciário, consumidor, família, direitos humanos e mediação. “A mediação é uma forma relativamente nova de resolver conflitos e que dá muito certo porque se busca uma conciliação entre as partes”, explica João Iglesias, 21, diretor de relações institucionais.

Gabriel Silas, 21, diretor de RH da instituição, relatou que a maior parte das 200 pessoas cadastradas até o momento mantém a família com menos de um salário mínimo e que a maioria delas é composta por mulheres, principalmente mães solteiras.

Além dos serviços jurídicos, o grupo já presta atendimento psicológico/psicossocial para a população de Cosme de Farias. De acordo com Thamas, no primeiro mês de funcionamento da associação foi feito uma análise de demanda por meio de questionários durante o cadastro dos assistidos que constatou a necessidade desses tipo de serviço. “Como no momento contamos com um número reduzido de psicólogos e a demanda foi alta, não teríamos condições de oferecer atendimentos individuais”, explica.

Para o público infantil e jovem, Doutor Cosme oferece oficinas lúdico-terapêuticas e orientação vocacional. Já para o público feminino, é oferecido uma roda de mulheres com assuntos voltados à realidade feminina. “Esses projetos têm como público alvo crianças de 7 a 14 anos, e mulheres de todas as idades”, disse o diretor de cultura. A instituição que ampliar os serviços com o oferecimento de cursos de idiomas.

Cosme de Farias é o segundo maior bairro de Brotas, com 38.341 habitantes, e tem a maior densidade demográfica da região, são em média 398 habitantes por hectare, segundo documento divulgado em 2016 pela Conder. “A população de Cosme de Farias precisa muito de serviços, os mais variados. Infelizmente é uma comunidade que carece, é uma comunidade pobre”, enfatiza Iglesias.

Ainda de acordo com o documento, Cosme de Farias tem a terceira maior população total residente acima de 15 anos não alfabetizada da região Centro/Brotas, com 4,6%. Além disso, o Informs/Conder mostra que o bairro possui um dos menores rendimentos médios da região e tem o maior número de domicílios sobre terrenos ocupados de maneira ilegal e sem serviços públicos essenciais.

# DOIS ALTOS

Há um ano, espaço inaugurado pela prefeitura dá oportunidade de moradores revelarem um outro Alto de Coutos



Foto: Max Haack/SECOM

## Nathália Amorim

Em qualquer pesquisa rápida na internet é fácil encontrar alguma informação sobre o Subúrbio Ferroviário de Salvador. Muito sobre os altos índices de criminalidade e violência, mas pouco sobre os quinze bairros que comportam mais de 400 mil moradores que enfrentam as adversidades com trabalho duro e projetos socioculturais realizados nas comunidades.

Entre os bairros de Vista Alegre e Alto de Coutos, há cerca de um ano, foi inaugurado pela Prefeitura de Salvador, em parceria com a Google, o espaço multiuso Subúrbio 360°. O projeto faz parte do programa Salvador 360, que tem o objetivo de acelerar o crescimento econômico e social da cidade, com o investimento de quase R\$ 3 bilhões para a melhoria da infraestrutura e qualidade dos serviços públicos.

Para um bairro com poucas oportunidades, em que um curso de panificação é capaz de transformar a vida de um morador e uma criança pode voltar a sonhar por meio da educação, o lugar que une inclusão, educação, cultura, esporte e desenvolvimento econômico trouxe para a comunidade de Coutos melhorias na infraestrutura, acesso e visibilidade ao local e comunidade.

Composto por Escolab, Centro Especial de Reabilitação (CER), duas quadras poliesportivas, auditório, teatro e estúdio de rádio, o espaço reúne atividades simultâneas que atendem a comunidade.

O público alvo é desde crianças a partir dos 6 anos até idosos. Em média, são assistidas cerca de 2 mil pessoas por mês, de acordo com a funcionária da área administrativa Cláudia Santos. Funcionando das 8h às 21h, o local se divide entre as aulas pela manhã e as atividades complementares pela tarde para os alunos da Escolab, além de oficinas e cursos para moradores da comunidade e regiões adjacentes no turno da noite. “Aqui uma criança pode estudar no período da manhã, tanto na Escolab - modelo pioneiro de escola-laboratório onde é possível estudar no período da manhã e à tarde fazer cursos em diferentes áreas - como em outro colégio da rede municipal, e durante a tarde aprender um esporte, ballet, curso de línguas, como o inglês. Pode lanchar, almoçar e tomar banho”, conta a funcionária que trabalha diariamente junto à comunidade.

O projeto, que articula todas as secretarias do município, oferece aulas de canto, dança, ginástica, zumba, vôlei, pilates, flauta, artes marciais, futebol,

ballet e cursos preparatórios em parceria com o Senai, como panificação e culinária. “As principais mudanças no bairro estão nas oportunidades. Alguns alunos dos cursos oferecidos hoje estão trabalhando, abriram seu próprio negócio e mudaram de vida”.

Um ano após sua inauguração, o local continua a se desenvolver. O bairro que antes não contava nem com pontos de ônibus, ganhou linhas de integração. A iluminação foi renovada e o fluxo de pessoas aumentou exponencialmente, o que fez com que vendedores ambulantes, como dona Elizabeth Ramos, buscasse em novos pontos de venda na região. “Eu sempre estou em algum lugar, procurando um espaço para poder trabalhar e ganhar a vida. Quando o Subúrbio 360° abriu, eu vi aqui uma nova oportunidade e mudei para cá por causa do movimento, que aumentou”.

### Corrente de gratidão

Com a chegada de oportunidades, vêm os agradecimentos, e na comunidade a gratidão toma forma de histórias e mudanças de vida. A chegada do espaço ao bairro de Coutos foi responsável pela mudança de vida da atual funcionária do setor

administrativo da coordenação pedagógica, Daiane Brito, moradora do Subúrbio há mais de 10 anos. O local, que hoje é seu trabalho, é a primeira oportunidade após um ano desempregada. “O Subúrbio 360 foi ‘top’ para a comunidade. Tem pessoas aqui que não tem condições de pagar uma aula para o filho, praticar um esporte e hoje a comunidade tem, tanto para os filhos quanto para os pais. Eu mesma trabalho aqui e de noite venho para aula de dança, tudo isso à mão da comunidade. E não tínhamos isso aqui”, conta a funcionária. Para Daiane, além das oportunidades oferecidas pelo espaço multiuso, o local trouxe mais segurança para a região. “Melhorou muito. É muita gente que frequenta aqui de noite e hoje eu me sinto tranquila para circular nesses horários”.

Em grupos do Whatsapp, mães da comunidade compartilham o sentimento de gratidão, principalmente pelo cuidado com os filhos. “As mães tem um grupo no Whatsapp onde falam muito bem e agradecem também por páginas no Facebook com texto, principalmente pela inclusão e o tratamento da gente aqui para com os filhos dela”.

Em parceria com a Apae (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais), o Subúrbio 360 oferece assistência a crianças com algum tipo de deficiência cognitiva, psíquica ou motora. Uma equipe composta por físicos, terapeutas e psicólogos dispõe de diagnóstico e tratamento gratuito para a comunidade.



Local tem educação formal e profissional, como o curso de panificação



Foto: Bruno Concha/SECOM

## Educação

No fim da tarde, após as aulas, o pátio se enche de crianças para aula de ballet e de artes marciais. A sapatilha nos pés e o laço rosa na cabeça era o sonho que dona Renilza Souza não podia pagar para a filha até a chegada do Subúrbio 360°. Como tantos outros, a dona de casa vê o espaço como lugar de oportunidade. “Para minha filha foi uma oportunidade única, porque nem sempre podemos pagar um espaço e aqui é onde ela realmente está conseguindo fazer o que ela gosta e conviver com outras crianças, aprendendo e se desenvolvendo”.

De acordo com a professora de dança da EscoLab, Tamires Estrela, o projeto tem mudado a vida das crianças. “A importância é fazer com que as crianças tenham contato com a arte, com a educação e possam enxergá-las de uma outra forma. E através disso possam sonhar e mudar o estigma de quem mora nas comunidades da nossa cidade”.

Numa das regiões com maior índice de criminalidade da capital, de acordo com Secretaria de Segurança Pública, o bairro de Coutos vivencia uma nova realidade. “Existe uma mudança na vida das pessoas. Senhoras, jovens e crianças. Esse é o maior impacto que o Subúrbio 360° pode oferecer. A oportunidade de pela educação transformar a vida de uma pessoa”.

# Corretores especulam valorização de imóveis com chegada do BRT

## Implantação do modal no trecho Iguatemi-Cidade Jardim trará benefícios para o mercado imobiliário, imóveis de alto padrão poderão ter aumento de até 20%

Ian Reis e Sarah Cardoso

Corretores estão otimistas com a implementação do BRT (Bus Rapid Transit). A expectativa é de valorização dos imóveis no entorno da Avenida ACM, onde está sendo executada a primeira fase da obra. Apesar da retirada de área verde, corretores acreditam que os avanços na mobilidade vão atrair compradores, gerando um aumento de até 20% no valor de apartamentos e salas comerciais.

As mudanças já são perceptíveis mesmo com a obra inacabada. “Já estamos sentindo muita diferença, inclusive na região do Parque Bela Vista, onde temos um empreendimento próximo ao BRT”, relata a corretora Graziela Costa. O corretor Agenildo Marques compartilha a mesma experiência. “Tenho um imóvel que estava vendendo por um valor e hoje já é outro por conta da especulação que envolve o BRT”, diz Marques.

Entre os corretores, a futura chegada do modal já está sendo utilizada para atrair compradores.

Para o corretor Hélio Araújo, a mobilidade vem em conjunto com o progresso. “A tendência natural é a valorização. O trajeto que o BRT vai contemplar é uma via de fácil acesso, nós acrescentamos esse item à argumentação. Saber que no Itaigara passa o BRT, para o funcionário que precisa trabalhar, é mais fácil vender o imóvel”, afirma.

O BRT vai contemplar é uma via de fácil acesso, nós acrescentamos esse item à argumentação. Saber que no Itaigara passa o BRT, para o funcionário que precisa trabalhar, é mais fácil vender o imóvel”, afirma.

Espera-se também redução e até escassez de terrenos nas localizações próximas aos eixos do BRT. “A disputa por essas áreas limitadas gerará a supervalorização destas. Outra tendência, que já ocorre, é que, com a diminuição do número de terrenos, haverá também a construção de novos imóveis de menor tamanho, aumentando assim o preço do m<sup>2</sup> e, por consequência, gerando uma valorização do imóvel, chegando a 20% em imóveis de alto padrão”, prevê o corretor Claudio Crispim. Além disso, há outro aspecto a ser observado em relação às salas comerciais. “Com o melhor acesso proporcionado pelo BRT, uma maior procura por salas comerciais vai surgir, impactando diretamente e inflacionando o valor destas”, antevê Cláudio.

Um estudo feito em Curitiba, cidade que já possui o BRT há mais de 40 anos, confirmou a influência positiva no preço dos imóveis próximos aos pontos do transporte. A dissertação de mestrado de Jani Rogério Branco revelou um aumento de 62,60% no coeficiente de valorização de terrenos para intervalo de 100 metros de distância do BRT, enquanto para os apartamentos o número foi de 6,88% no mesmo intervalo.

### Impactos

O arquiteto urbanista Flávio Rocha explica a valorização no contexto de Salvador. Para ele, os impactos negativos no meio urbano, provocados pela supressão de áreas verdes e a construção dos elevados serão amenizados pelas grandes larguras das avenidas, fazendo com que aspectos como barulho e poluição do ar não afetem diretamente os edifícios residenciais do entorno.

# 20%

é o quanto corretores estimam de aumento nos valores dos imóveis do BRT na região Iguatemi - Cidade Jardim

“No caso do BRT de Salvador, em que pese o enorme impacto ambiental e visual que promoverá, alterando fortemente a ambiência de algumas das mais importantes avenidas da cidade, penso que a tendência será de valorização dos imóveis. Isso porque esse modal passará por avenidas que se congestionam nos horários de maior movimento, promovendo a melhoria na mobilidade nesses locais”, detalha Flávio.

O BRT, que faz parte do projeto urbanístico da Prefeitura, o programa Salvador 360, promete contemplar as áreas do Iguatemi até a Lapa, passando pela Cidade Jardim e Lucaia. A primeira etapa, Iguatemi-Cidade Jardim, cobrirá o trecho de 2,9 km por onde passam cerca de 340 mil pessoas diariamente e está prevista para ser entregue até o final de 2020. A obra conta com a construção de três viadutos e dois pares de elevados, além de vias expressas, ciclovias e as estações do BRT.

Desde o início das obras, que começaram em 2018 com a retirada das árvores da região, ocorreram manifestações contra o BRT. Os protestantes alegam que a obra vai ocasionar a derrubada de 579 árvores, ao contrário das 154 informadas pela prefeitura e que o tamponamento dos rios vai ser prejudicial à cidade. Em novembro de 2018 o Instituto Estadual do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Inema) vetou o tamponamento dos rios Lucaia e Camarajipe, que passam pelas Av. ACM e Juracy Magalhães Junior. A ordem foi posteriormente anulada por uma liminar concedida pela Justiça Estadual que determina que o Inema autorize qualquer intervenção na fauna em relação às obras do BRT.

VENDE-SE

2020-2020

Arte: Kizzy Lumumba

BRT